

A Dupla Jornada de Trabalho das Mulheres na Feira de Caruaru¹

Adriele Maria da SILVA²

Thalícia Andressa Sousa SILVA³

Sheila Borges de OLIVEIRA⁴

Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo entender o papel feminino no cenário da Feira de Caruaru, analisando como é a dupla jornada de trabalho dessas mulheres. A partir disso, analisar os relatos dessas mulheres que têm dupla jornada de trabalho, para jogar luz no debate sobre as dificuldades da vida dessas mulheres, que se dividem todos os dias entre o trabalho doméstico e o trabalho na feira. A pesquisa tomou como referência os conceitos de gênero e o campo de trabalho. Na parte metodológica, foram realizadas entrevistas audiovisuais com algumas dessas mulheres. É possível observar, no trabalho de campo, que parte delas mantém essa dupla jornada como única alternativa para sustentar a família.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; sociedade; cultura popular; dupla jornada.

1. INTRODUÇÃO

Uma pesquisa feita pelo Instituto de Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁵, publicado no Brasil em março de 2018 e atualizado em março de 2019, concluiu que as mulheres trabalham, em média, três horas por semana há mais que os homens, combinando trabalhos remunerados, atividades domésticas e cuidado com as pessoas. Trabalhando mais horas que um homem, a mulher ganha, em média, 76,5% do rendimento dos homens. Por exemplo, em 2016, as mulheres dedicavam, em média, 18 horas semanais a cuidados de pessoas ou afazeres domésticos, 73% a mais

¹ Trabalho apresentado na IJ 08-Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso Comunicação Social da UFPE/CAA, e-mail: as2200969@gmail.com

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social da UFPE/CAA, e-mail: thaliciaandressa@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UFPE/CAA, e-mail: sheilaborges12@gmail.com

⁵ Para mais informações acesse: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20234-mulher-estuda-mais-trabalha-mais-e-ganha-menos-do-que-o-homem>

do que os homens (10,5 horas). Essa diferença chegava a 80% no Nordeste (19 contra 10,5).

As tradições de masculinização e feminização de profissões e tarefas se constituem, às vezes, por extensão de práticas masculinas e femininas: homens fazem trabalhos que exigem força; mulheres fazem trabalhos que reproduzem tarefas domésticas. Mas, mais do que a transferência de tarefas, são as regras de dominação de gênero que se produzem e reproduzem nas várias esferas da atividade social (LOBO, 1991, p.152)

Trazer à tona o trabalho feminino é identificar que essas conquistas são referentes às lutas que vem tomando impulso com o passar tempo. O trabalho das mulheres não começou a ser desenvolvido nesse século, ele sempre existiu, mas por repressão do patriarcado foi por muito tempo invisibilizado e desvalorizado, isso se dá pela submissão à figura masculina. Em alguns países, as mulheres são proibidas de trabalhar e estudar, cada vez mais está se tornando pauta nas organizações de Direitos Humanos.

Essa forma particular de divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e espaço. Podem ser aplicadas mediante um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista. Esta rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuados que remetem ao destino natural da espécie. (HIDRATA; KERGOAT, 2007, p.600)

Além disso, é perceptível que a desigualdade entre homens e mulheres ocorre há séculos. Essas práticas foram apenas aperfeiçoadas pelos modos de produção capitalista. Esse sistema que escraviza a mulher através de atividades domésticas, tendo em vista que a mulher deve estar no meio doméstico e não na esfera de trabalho privada, mas mudanças foram acontecendo e crescendo devido ao movimento feminista e as mulheres estão tendo seu espaço no setor privado, mesmo que ainda não exista uma igualdade salarial. Além do trabalho assalariado, as mulheres têm que cuidar dos seus respectivos lares, levando também a um desgaste físico e mental maior. Devemos também discutir a precariedade das condições de trabalho de

mulheres, que são submetidas a situações constrangedoras e em alguns casos não têm seus Direitos Humanos respeitados.

2. A FEIRA DE CARUARU

Historicamente as feiras desempenham papéis fundamentais nas cidades, ultrapassando sua função comercial, pois há uma troca cultural. Inúmeras pessoas se deslocam semanalmente para o espaço da feira. A Feira de Caruaru, local de observação de nossa pesquisa, é considerada uma das maiores feiras ao ar livre do País. Com cerca de 18 mil hectares, fica situada no Parque 18 de Maio⁶, no centro daquele município polo da Região Agreste de Pernambuco.

A Feira de Caruaru foi considerada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio imaterial do Brasil⁷. Além de ser um dos maiores patrimônios do Brasil, está inserida em uma região que, junto com as cidades de Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, forma o polo têxtil de confecções de Pernambuco, um dos mais importantes do País. Sá (2011) afirma que as feiras livres configuram uma atividade econômica e social de importância central à vida de muitas pessoas no Agreste. Abaixo, duas imagens da Feira de Caruaru. Na primeira, o portal de entrada. Na segunda, a vista área.



⁶ Para conhecer a Feira de Caruaru, acesse o link: <https://caruaru.pe.gov.br/feira-de-todos/>

⁷ Para saber mais informações, acesse o link: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossie9_feiradecaruaru.pdf

(Foto: Rafael Lima)



(Foto: Lafaete Vaz/G1)

A Feira de Caruaru pode ser dividida em várias seções, como a Feira do Paraguai ou de importados, a da Sulanca, a de Gado, a de Frutas e Verduras, a de Raízes e Ervas Medicinais, a do Troca-troca, a de Flores e Plantas Ornamentais, a de Couro (calçado, chapéus, bolsas), a Confecções Populares, a de Bolos e doces, a de Ferragens, a Artigos de Cama, Mesa e Banho, a de Fumo, a de Importados e a mais famosa delas, a de Artesanato. E a parte de artesanato que atrai milhares de pessoas todos os anos para conhecer a diversidade cultural existente nos trabalhos dos artesãos caruaruenses.

Outro fator que chama atenção especificamente para a Feira de Caruaru é a sua variedade. Na letra da música do caruaruense Onildo Almeida, cantada pelo Rei do Baião, Luiz Gonzaga, podemos ter uma noção da imensidão da feira. A letra diz: “A Feira de Caruaru faz gosto da gente ver. De tudo que há no mundo nela tem pra vender”. Assim, é um espaço comercial de importância econômica estratégica para o município. Nela, feirantes da cidade ou de municípios vizinhos vêm comercializar seus produtos. É nesse cenário que grande parte das mulheres da região tira seu sustento e o da sua família.

O espaço da feira apresenta pouco destaque para os grandes responsáveis por ele, os próprios feirantes, mais especificamente as mulheres feirantes, que são os personagens principais do documentário realizado para registrar a dupla jornada das mulheres feirantes da Feira de Caruaru. Já foram realizadas diversas reportagens sobre o espaço, focando na variedade dos artigos vendidos e nas disputas por espaços entre os feirantes e a Prefeitura de Caruaru, mas há pouquíssimas produções audiovisuais focando nas mulheres feirantes e na sua dupla jornada de trabalho.

Nos discursos de algumas entrevistadas, dados para o documentário, elas revelam que sofrem preconceito dos clientes e até mesmo dos próprios patrões, que não as respeitam por estarem no espaço da feira. Elas acreditam que isso ocorre porque a feira é considerado um lugar de trabalho para as pessoas que não têm certo grau de formação educacional e bagagem cultural.

Cultura é a identidade de um povo ou de uma coletividade que se forma em torno de elementos simbólicos compartilhados. Esses elementos, em que se incluem os valores, permitem a coletividade pairar acima das diferenças que a dividem, seja de classe social, região, religião, etc. (GOMES, 2014, p.35)

A feira, no entanto, é um local de experiências, lugar de relações sociais, troca de saberes e hábitos, onde os frequentadores enriquecem seu capital cultural, através de novos saberes e crenças. E essas trocas de respeitos são fundamentais para que o espaço da feira se mantenha para perpetuar relações. Segundo Sá (2011), a feira se destaca por ser uma célula *mater* não apenas dessa formação, mas também na identidade de um povo. Ela tem um papel central na vida da comunidade, pois é um espaço no qual as pessoas frequentam semanalmente para fazer compras e conversar com os outros atores. A feira se torna um local de diversidade sociocultural.

3. O PAPEL DAS MULHERES NA ESFERA PÚBLICA E PRIVADA

As mulheres sempre desenvolveram atividades domésticas. Com a ascensão do capitalismo, começam a ocupar o espaço no mercado de trabalho fora de casa. Elas passaram, cada vez mais, a atuar dentro e fora de casa, iniciando o que estudamos aqui neste artigo: a dupla jornada de trabalho. No nosso caso, o foco é a dupla jornada das feirantes da Feira de Caruaru.

Nas sociedades pré-capitalistas, embora jurídica, social e politicamente seja a mulher inferior ao homem, ela participa do sistema produtivo; desempenha, portanto, um relevante papel econômico. Este papel, entretanto, na medida que é menos relevante que o do homem, define-se como subsidiário no conjunto das funções econômicas da família. (SAFFIOTI, 2013, p.64)

Como visto em Saffioti (2013), o trabalho da mulher sempre esteve presente nas sociedades e em todos os lugares desde o início das civilizações, apesar de ser muitas vezes configurado apenas como um papel de “dona do lar”, impedindo as mulheres de exercer qualquer outro tipo de atividade, seja profissional ou não.

Essa possibilidade de trabalho formal e assalariado não é a solução para todos os problemas enfrentados por mulheres diariamente, mas representa grandes passos para sua libertação e luta pelo reconhecimento e para realização pessoal. Hoje, estamos lidando com coisas que foram colocadas como impossíveis, como trabalhar na esfera privada, nossa capacidade de trabalhar, estudar, ser dona de si, uma mulher completa, capaz de opinar e tomar decisões.

A dupla jornada de trabalho é cansativa, algumas mulheres têm tripla jornada, trabalham, estudam e cuidam do lar. Isso não é tarefa fácil, tendo em vista que causa um esgotamento tanto mental, como físico e acaba afetando a vida das mulheres de forma drástica. A sobrecarga de funções é evidente e, na maioria das vezes, não é compartilhada com o parceiro.

Ainda assim com todas essas tarefas e dividindo-se como pode e mesmo assim as mulheres sempre são vistas como inferiores em comparação aos homens e na maioria dos casos ganham muito menos, mesmo que estejam exercendo funções iguais ou superiores a eles.

4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O documentário não conta apenas histórias ruins de violações dos direitos das mulheres, como feirante e como mulher, mas também as lutas, as resistências e a busca por afirmação de direitos, nos espaços que protagonizam viver, sobreviver e ser, e sua emancipação financeira, mesmo que seja só para subsistência. Mostrar mulheres da vida real, do nosso cotidiano, que buscam por igualdade. Essas mulheres dão duro na feira, mas, quando o expediente acaba, não descansam. Vão para as suas casas

continuar seus afazeres. Na maioria das vezes sem a contribuição do parceiro ou de familiares para executar as tarefas domésticas.

Para a produção do documentário, elaborou-se um questionário com 12 perguntas para usar nas entrevistas. Das mulheres que encontramos na feira, sete aceitaram participar do curta-metragem, mas nem todos os depoimentos estão nele. As perguntas foram elaboradas a partir do material de leitura e da orientação do professor Márcio Sá e com a opinião de alguns colegas da disciplina Agreste Contemporâneo: gente, feira e negócios de confecções, tendo em vista que as aulas eram expositivas e todos participavam.

Para fazer essa obra audiovisual, foi feito um mapeamento de possíveis personagens para o curta documental. Depois, realizou-se uma pré-entrevista com essas personagens de uma forma amigável para que elas falassem um pouco de como era a vida de feirante. Alguns dias depois, começaram as entrevistas gravadas em vídeo nas quais as entrevistadas responderam as perguntas de um roteiro mostrado a seguir:

1. Apresentação geral, nome, idade;
2. Como você iniciou a vida de feirante?
3. Há quanto tempo trabalha na feira?
4. Antes de trabalhar na feira qual era a sua ocupação/ profissão?
5. Como é conciliar as atividades domésticas e o trabalho na feira?
6. Quanto ao sustento de sua casa e família, você é a única responsável ou divide essa responsabilidade com cônjuge, filho, parente?
7. O rendimento do comércio na feira lhe proporciona a subsistência sua família ou você tem outras atividades que geram renda extra?
8. Quais as razões que lhe fizeram trabalhar neste espaço?
9. Em sua opinião quais as dificuldades para a mulher feirante na feira?
10. Você acredita que o trabalho da feirante mulher é diferente do feirante homem? Em caso positivo, explique as diferenças.
11. Quais as vantagens em trabalhar na feira de Caruaru?
12. Você se sente realizada como trabalhadora na condição de feirante?

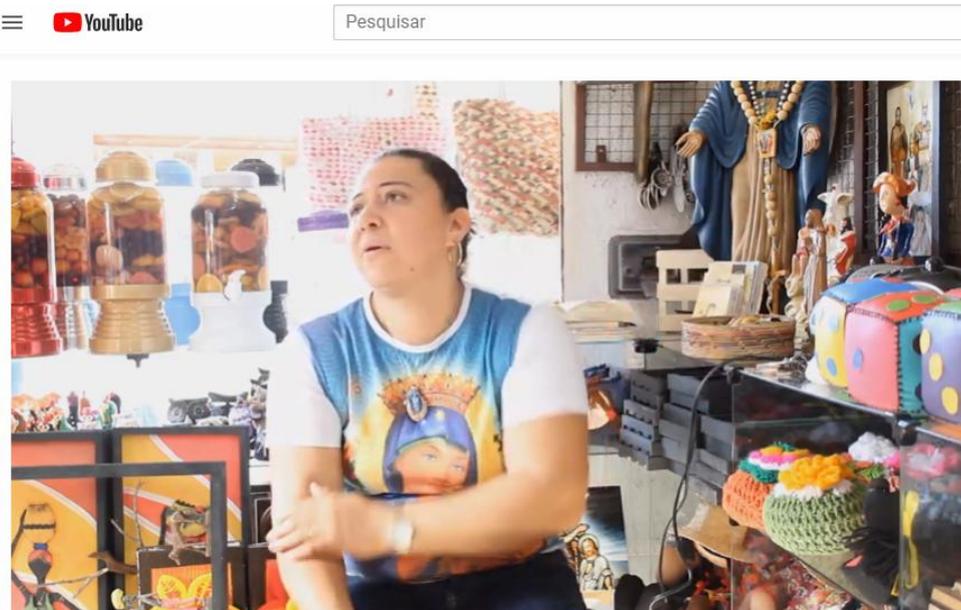
A partir dessas perguntas, as personagens escolhidas relataram suas vidas. Em alguns casos, elas mantêm financeiramente as casas sozinhas. Por esse motivo, têm atividades extras, como vender bebidas em festas aos finais de semana ou fazer faxina

na casa de alguém. Tudo isso para garantir a subsistência delas e da família. Nas imagens abaixo, podemos conhecer quatro dessas sete mulheres entrevistadas.



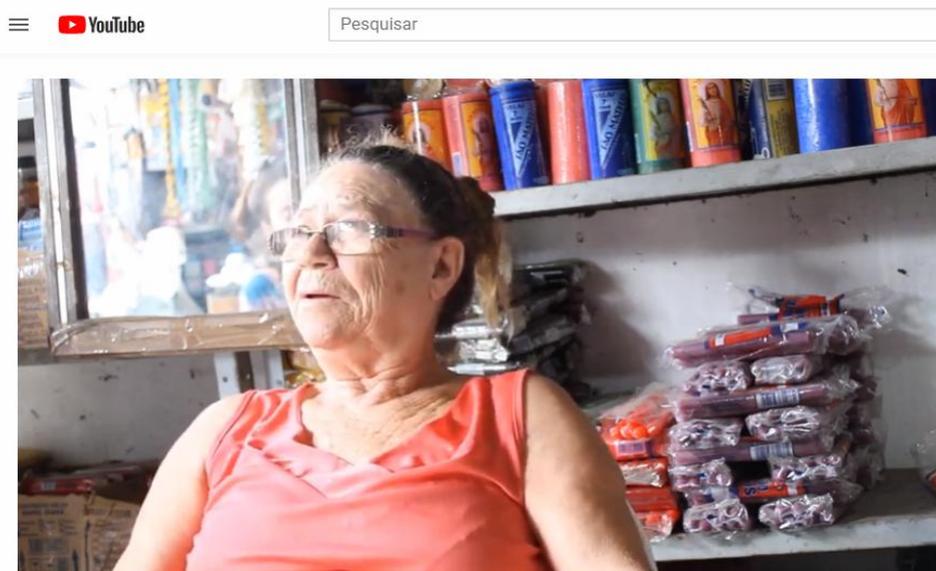
(Sônia Silva, 52 anos, comercializa artesanato como mantas e redes)

Sônia Silva conta como foi difícil conciliar os afazeres domésticos, estudos e o trabalho na feira. Hoje, ela se dedica apenas ao trabalho na feira e às atividades domésticas. Em um das suas falas, Sônia ressalta que: “Se você tem condições de tomar conta de uma casa, de cuidar de um marido, que é outro filho praticamente pra pessoa, você supera qualquer coisa”.



(Ademilda Silva, 41 anos, comercializa artesanatos diversos)

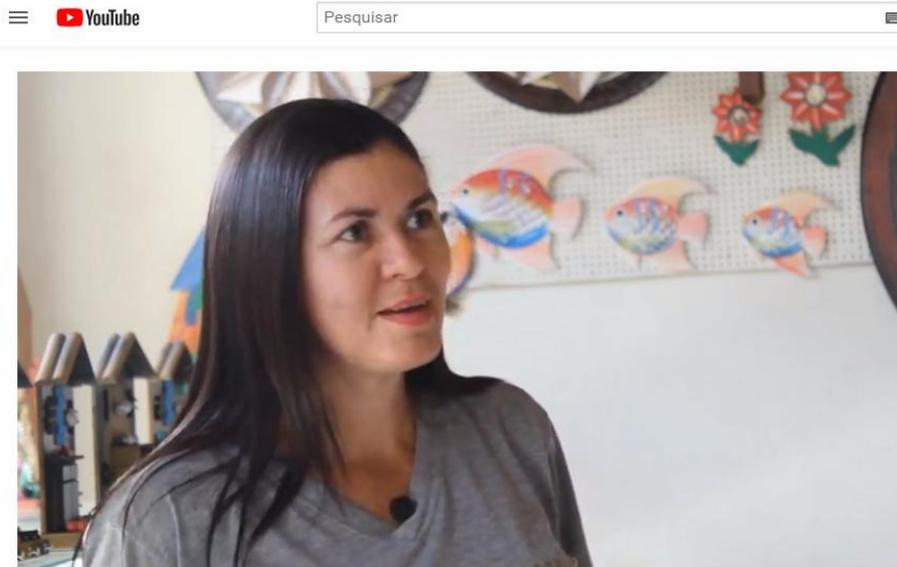
Adeilma Silva, em sua fala, conta um pouco da sua história com a feira. A personagem ressalta como é cansativa a rotina. Em certo ponto da entrevista, ela diz: “É difícil. Tem dias que chego aqui às 8h e saio às 16h. Muitas vezes eu pego direto, não paro, não fecho para almoçar”.



Mulheres da Feira

(Maria José, 70 anos, comercializa artigos religiosos e plantas medicinais)

Maria José da Silva, hoje com 70 anos, relembra de como foi difícil sua vida na feira, tendo em vista que antes não contava com o espaço que tem hoje. Quase todos os dias seus filhos a acompanhavam para a feira e, na maioria das vezes, dormiam entre os bancos, esperando a mãe terminar o expediente da feira e ir para casa. Ao chegar em casa, Maria José não descansava, cuidava da casa sozinha e dos seus filhos, enquanto seu marido ficava descansando.



(Maria de Fátima, vendedora em uma loja de artesanato)

Além de trabalhar como vendedora em uma loja de artesanato, aos finais de semana, Maria de Fátima Silva vende bebidas em festas e atua como diarista em alguns restaurantes. Tudo isso para completar a sua renda mensal.

O documentário está disponível⁸ na plataforma de vídeos YouTube para que internautas tenham acesso ao conteúdo produzido. O curta metragem também foi apresentado no Armazém da Criatividade, equipamento do Porto Digital em Caruaru. O Porto Digital é uma instituição que estimula projetos nas áreas de comunicação, tecnologia e indústrias criativas, é parceira da Universidade Federal de Pernambuco.

As mulheres que trabalham na Feira estão expostas, pois a precariedade do ambiente de trabalho é evidente. Elas executam um trabalho repetitivo, sem nenhum tipo de proteção laboral. É o que o documentário vai mostrar em imagens e nos depoimentos.

A feira da Sulanca de Caruaru é um espaço vitrine onde semanalmente circulam milhares de pessoas dos mais variados estados do Nordeste para abastecer comércios locais. O trabalho feminino é visivelmente observado por visitantes e compradores, porém a mulher feirante não exerce papel relevante nas relações políticas locais, nem discutem em espaço público ou através de suas associações, direitos específicos. (SILVA, 2014 p.10)

⁸ O material audiovisual está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tYgYAjMapBM&t=352s>

Mesmo que uma parcela grande da população local e de outras regiões transite pelo local, essa condição na qual a mulher está submetida muitas vezes passa despercebida aos olhos dos transeuntes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de conhecer melhor a feira foi enriquecedora, nela pode-se observar com uma nova perspectiva o local e as mulheres que estão lá todos os dias batalhando pelo sustento familiar, que em alguns casos, levam seus filhos para o local de trabalho. Além do envolvimento em cada etapa, conhecer a história de cada mulher, que muitas vezes é invisibilizada e silenciada pela sociedade, foi de grande importância e crescimento para a formação das autoras deste artigo, estudantes do curso de Comunicação Social. O documentário foi elaborado como trabalho final para a disciplina Agreste Contemporâneo: gente, feira e negócios de confecções, oferecida ao curso de Comunicação Social, mas originária da grade curricular do curso de Administração.

Foram desenvolvidas 12 perguntas para usar nas entrevistas. Um total de 7 mulheres aceitaram participar do curta-metragem, mas nem todos os depoimentos estão nele. A maioria das mulheres discorre sobre suas histórias e como começaram a trabalhar na feira e a dupla jornada de trabalho. Algumas delas, como é o caso de Adeilma Silva, precisam levar os filhos para o trabalho. Em uma das visitas, seus filhos estavam brincando pela loja, enquanto a mulher trabalhava e almoçava.

Observando a Feira de Caruaru é possível notar as diferenças entre homens e mulheres que trabalham naquele espaço. Na experiência de visitar o local, nota-se que o lugar precisa de políticas públicas para a melhoria do espaço.

É perceptível que as mulheres ganharam seu espaço a partir de sua emancipação financeira, que se deu no momento que começaram a fazer parte ativamente da esfera privada, apesar de tal liberdade implicar numa dupla jornada de trabalho que não é compartilhada com o parceiro, além da desigualdade salarial existente.

O artigo traz parte do trabalho feito em um documentário, produzido como resultado de uma disciplina, e pretende promover uma reflexão sobre essa temática tão atual, que permeia a sociedade e que vem ganhando força com o passar dos anos. É indiscutível deixar uma pauta tão importante fora de discussões na sociedade. Importante ressaltar a relevância de trabalhos relacionados à dupla jornada de trabalho

